

## Fundamentação Teórica

Tomando o surgimento do desconforto ao longo de uma entrevista como fio condutor deste estudo, observarei como este se construiu e foi amenizado durante a interação. Para isso, trabalharei com alguns conceitos que visam a esclarecer de que forma tais momentos se apresentaram no meu discurso e no de Lucas, ambos professores de língua inglesa que se propuseram a falar sobre um tema comum ao ensino de línguas, no caso, os Gêneros Discursivos.

Apresento a seguir os princípios das teorias que nortearão este trabalho, bem como uma apresentação da área onde está inserida esta pesquisa, a Linguística Aplicada. Também trago algumas considerações acerca do instrumento de análise selecionado para a geração dos dados, a entrevista semiestruturada, e sua concepção proposta por Elliot Mishler (1986).

Desse modo, inicio com um panorama dos estudos em Linguística Aplicada, seguido por considerações acerca da Sociolinguística Interacional. Logo após, teço algumas considerações sobre a concepção de entrevista como evento discursivo apresentada por Mishler, e sobre como minha pesquisa se utiliza dessa abordagem. Por fim, apresento os pressupostos teóricos da Análise da Conversa Etnometodológica, que proponho como ferramental de análise, a fim de identificar a nível micro os possíveis momentos de desconforto presentes no decorrer da interação analisada.

### 2.1 A Linguística Aplicada

A Linguística Aplicada, doravante LA, que teve seus impulsos iniciais nos anos 1940, passou, ao longo de sua história, por reformulações, (re)escrituras e novos questionamentos com o objetivo inicial de se consolidar como uma área relevante de produção de conhecimento, além de almejar ter suas pesquisas legitimadas perante a comunidade acadêmica (Amorim, 2009). Tendo começado sob a visão de que seu objetivo seria aplicar teorias linguísticas, principalmente ao ensino de línguas, “a LA já fez a crítica a essa formulação reducionista e

unidirecional de que as teorias linguísticas forneceriam a solução para os problemas relativos à linguagem com que se defrontam professores e alunos em sala de aula” (Moita Lopes, 2013, p. 17-18).

A LA, já solidificada como área de produção de conhecimento, passou, então, a apresentar duas posturas diferentes adotadas por seus pesquisadores: a perspectiva modernista e a visão de LA como área mestiça, *INdisciplinar*. A primeira tem raízes no pensamento positivista e estruturalista e acarretava em uma visão de linguagem apolítica e a-histórica, numa tentativa de separar o sujeito e o objeto estudado, onde a linguagem era vista como posterior ao pensamento e à experiência (Amorim, 2009). Pode-se dizer também que essa LA preocupava-se com a resolução de problemas, cujo foco se encontrava nas questões da linguagem em uso no meio social.

De acordo com Moita Lopes (2013), tal LA buscava separar o sujeito do mundo em que está inserido, procurando garantir uma objetividade científica, acabando por situar tal sujeito em um vácuo social. Ainda de acordo com o autor, o sujeito-pesquisador seria entendido como separado de seu objeto de estudo para que não o contaminasse. O conhecimento construído não possuiria vínculos com o modo como as pessoas vivem, sofrem, e se posicionam politicamente (Moita Lopes, 2013, p. 87).

A segunda perspectiva, por sua vez, pela qual a LA é considerada mestiça e *INdisciplinar*, ao trazer o sujeito para dentro do campo de pesquisa, muda o seu foco, antes concentrada na solução de problemas do uso da língua, para uma área híbrida – inter/transdisciplinar – que almeja criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem papel determinante (Moita Lopes, 2008 *apud* Amorim, 2009, p.121), propagando, assim, uma perspectiva mestiça ou *INdisciplinar*.

Para Moita Lopes (2013, p. 97-98), para que se construa conhecimento responsivo à vida social, é necessário que se compreenda a LA “não como disciplina, mas como área de estudos, na verdade, como áreas tais como estudos feministas, estudos *queer*, estudos sobre negros, estudos afro-asiáticos etc.”. O autor ainda salienta a necessidade de se dialogar com outros campos do saber para torná-la híbrida, com o intuito de enriquecer os estudos sociais.

Ressalto que esse posicionamento adotado por Moita Lopes, e pelos que se alinham à LA mestiça e *INdisciplinar*, não tem como objetivo renegar a LA como praticada anteriormente, mas sim propor mudanças possíveis e novas direções a serem consideradas. O novo rumo em LA pretende, assim, problematizar os ideais modernistas, questionando seus pressupostos e propondo novas formas de se produzir conhecimento. Segundo Moita Lopes (2013, p.98), “os limites da LA estão se alargando, assim como os limites das humanidades das ciências sociais em geral” e, dessa forma, a “LA tem de mudar, a menos que queiramos trabalhar isoladamente, seguindo roteiros investigativos que claramente não são muito elucidativos para nos ajudar a compreender a complexidade das questões que nos confrontam no cotidiano”.

No entanto, a nova abordagem dada aos estudos em LA ainda é vista com certa perplexidade por alguns pesquisadores ligados às pesquisas em LA tradicional, conhecida como modernista. Isso se deve ao fato de que muitos ainda se veem presos à necessidade de se chegar a alguma verdade, ou ainda, se manter no engessamento criado até então, como nos fala Moita Lopes (2013, p.26):

E aqui volto, à guisa de conclusão, [...] a me referir à perplexidade que em geral acomete aqueles que atuam no campo dos estudos linguísticos ou sob a égide da LA tradicional quando se defrontam com a LA em seus contornos contemporâneos, que compartilha a visão de que “as fundações do conhecimento legítimo desmoronaram” e de que “há novos objetos de conhecimento socialmente construídos, e novos modos de vê-los, que radicalmente transgridem os limites disciplinares” (Aronowitz & Giroux, 1991:140). Não surpreende que essa visão da LA como Indisciplina, além de causar desconforto, represente muitas vezes uma ameaça para aqueles que vivem dentro de limites disciplinares, com verdades únicas, transparentes e imutáveis.

Corroboro a ideia trazida por Moita Lopes, pois acredito que mais importante que se preocupar com os limites de uma área de investigação, é necessário que se entenda a questão da pesquisa na perspectiva de várias áreas de conhecimento, com o intuito de integrá-las, não de isolá-las.

É a partir dessa perspectiva proposta pela LA, de que a integração entre as diferentes áreas do saber enriquece pesquisas não só em LA, como também nos estudos sociais em geral, que volto meus olhares para o professor de língua inglesa e de que forma este se posiciona quando em situação de pesquisa. Ainda que o foco de todo o trabalho tenha sido com a interação ocorrida e seus possíveis momentos de desconforto, entendo que ao ouvir o professor nas mais diversas

situações e fases da pesquisa, ao integrá-lo como busquei fazer, não só corroboro os princípios da LA, como também enriqueço a pesquisa com novos olhares para os mesmos dados.

## 2.2 A Sociolinguística Interacional

Assim como a LA, a Sociolinguística Interacional, doravante SI, é uma área bastante abrangente. Ela é considerada interdisciplinar, se articulando com a própria LA, além de se relacionar com outras áreas como a Sociologia, a Antropologia e a Filosofia, para citar algumas, uma vez que seu interesse está na relação entre linguagem, sociedade, cultura e indivíduo.

Desenvolvida, sobretudo, a partir dos estudos de John Gumperz e Erving Goffman (Gumperz, 1982; Goffman 2002 etc.), a abordagem entende a relação entre língua e sociedade por meio da análise do discurso inserido em contextos sociais específicos, partindo de conversas espontâneas até contextos institucionais. Em minha pesquisa, por me alinhar com tal relação, busco analisar a concepção de entrevista como encontro social, ideia defendida por Elliot Mishler (1986), e que será melhor apresentada na seção 2.3.

Voltando para os estudos em SI em si, julgo necessário indicar que ainda que seja vasto o referencial teórico dentro desta área, opto por direcionar esta pesquisa para os trabalhos desenvolvidos por Erving Goffman. Essa escolha se deve pela abrangência de seus trabalhos e teorizações, além do alinhamento de algumas de suas pesquisas com a temática desenvolvida ao longo da análise. Uma delas se refere ao seu foco direcionado à situação social criada ao longo da interação face a face, buscando compreender de que forma as pessoas atribuem valor ao que é dito e feito nos encontros sociais.

Como dito anteriormente, os estudos em SI, e em especial os desenvolvidos por Goffman (1967, 1974, 2002 etc.), fundamentam-se em pesquisas que buscam entender o comportamento humano nos espaços cotidianos. Em uma das suas principais obras, *Frame Analysis: an essay on the organization of experience*, de 1974, o autor defende que as experiências são resultantes das realidades onde nós estamos inseridos. Também é importante mencionar que, ao

longo desse trabalho, Goffman conduziu sua pesquisa a respeito dos quadros (*frames*) por meio da questão “o que está acontecendo aqui e agora?”, uma vez que ele entende que é por meio da busca por essa resposta que as pessoas emolduram suas experiências ao longo da interação. Para o autor, tais quadros podem ser entendidos como “uma coletividade de definições de situações que governam eventos sociais e nosso envolvimento subjetivo a eles” e ainda nos diz que:

As definições de uma situação são elaboradas de acordo com os princípios de organização que governam os acontecimentos – pelo menos os sociais – e nosso envolvimento subjetivo neles; quadro é a palavra [usada para se] referir a esses elementos básicos que sou capaz de identificar [...] a expressão “análise de quadros” é um slogan para referir-me ao exame, nesses termos, da organização da experiência. (Goffman, 2012a, p. 34)

Nessa concepção, ao direcionar suas reflexões para os quadros existentes em uma interação, o pesquisador se aproxima do aspecto microscópico das interações interpessoais do cotidiano. Um aspecto importante para a análise dos quadros em uma interação consiste no fato de que todos os quadros em uma conversa estão ancorados no mundo que a circunda, dessa forma, ao estudar a interação, estudam-se também aspectos sociológicos.

Acredito que ao olhar para as mudanças de quadro, assim como para a pergunta goffmaniana trazida acima, consigo analisar microscopicamente a interação ocorrida em contexto de pesquisa, neste caso, com a entrevista. Dessa forma, novos entendimentos acerca da entrevista como evento discursivo e seus desdobramentos para a pesquisa podem ser relacionados com outros já discutidos em estudos interacionais.

Outro conceito importante na obra de Goffman diz respeito às noções de *self* e *face*. Sobre a primeira, pode-se dizer que corresponde ao nosso reconhecimento sobre quem somos, ou até mesmo quem acreditamos ser, a partir da maneira como nos comportamos nas mais diferentes interações ao longo do nosso dia a dia. Sobre a *face*, Goffman a define como sendo “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico” (Goffman, 2007, p. 77).

Entendo que para que as relações sociais entre os participantes de uma

conversa se mantenha, é necessário que o locutor se preocupe em ser cortês, solidário, educado e até mesmo amigável a fim de que o valor positivo de sua face seja mantido. A face, portanto, precisa ser constantemente protegida ao longo da interação, ideia em tela ao longo de boa parte da análise quando lido com o desconforto criado em situação de entrevista entre dois professores. Assim, ao apresentar os *accounts* como ferramenta utilizada para (re)construção e proteção da face, percebo que os *accounts* são o mecanismo discursivo para que faces positivas, antes comprometidas pela aparente assimetria criada, pudessem ser mantidas.

Ainda sobre o conceito de face, em seu trabalho *Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior*, de 1967, Goffman nos diz que “a fachada<sup>1</sup> é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados [...]” (2011, p. 14) e, isto posto, ao desempenhá-la o indivíduo deve preocupar-se em apresentá-la da melhor maneira possível. Essa última informação nos leva a mais um conceito cunhado pelo autor: a linha.

Todas as pessoas vivem num mundo de encontros sociais que as envolvem, ou em contato face a face, ou em contato mediado com outros participantes. Em cada um desses contatos a pessoa tende a desempenhar o que às vezes é chamado de linha quer dizer um padrão de atos verbais e não verbais com o qual ela expressa sua opinião sobre a situação, e através disto sua avaliação sobre os participantes, especialmente sobre ela própria. (Goffman, 2011, p. 13)

Assim, o indivíduo deve sempre estar atento à linha da conversa, visto que, ao desviar-se dela, pode vir a expor sua face. Ainda de acordo com o sociólogo, se um indivíduo sentir que está em um alinhamento errado ao proposto para a interação e está, assim, expondo sua face, ele “provavelmente se sentirá envergonhado e inferior devido ao que aconteceu com a atividade por sua causa e ao que poderá acontecer com sua reputação enquanto participante” (Goffman, 2011, p. 16).

Levando em consideração que a manutenção da face é uma condição da interação e não seu objetivo, e que as linhas são importantes para que os participantes da interação se compreendam e a conversa não se torne confusa, volto minha atenção para os elementos de análise propostos por Goffman a fim de

---

1. O termo “fachada” é aqui utilizado como sinônimo de face, e optei por mantê-lo a fim de não modificar o original da obra consultada.

auxiliar as análises em SI.

Cabe lembrar que um dos objetivos da SI é o de desenvolver um campo teórico que permita transformar os estudos da interação dentro da sociologia. Assim, trago a seguir algumas categorias de análise da SI utilizadas na pesquisa, uma vez que busco compreender de que forma o encontro social proposto se deu de maneira, a meu ver, desconfortável.

Ao desenvolver o conceito de quadro, Goffman (1974) traz para a análise dos dados a ideia de enquadre. Nela, quando o indivíduo busca responder a questão “o que está acontecendo aqui e agora?”, pistas de contextualização serão fornecidas por esse locutor por meio de indícios linguísticos e paralinguísticos.

Outro conceito significativo para o presente estudo é o de *footing*, que consiste no alinhamento, na postura, na posição e, em outras palavras, na projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo mesmo e também com o discurso em questão. Nesse sentido, ao analisar as mudanças de enquadre e as questões voltadas para o alinhamento criado ao longo da entrevista, busco entender como se deu uma conversa entre dois professores acerca de um tema comum e com fins acadêmicos.

Ainda assim, mais uma categoria de análise se mostrou necessária para a presente pesquisa: a noção de *account*. Resumidamente, o *account* pode ser entendido como uma explicação ou justificativa que um ator social dá quando em situação problemática em uma interação. Para Morris et al (1994, p. 128 *apud* De Fina 2009, p.239):

[...] *Accounts* fazem parte de ações despreferidas. Elas são oferecidas após algum atraso, e incluem informações que detalham atividades e circunstâncias de uma ação. Em sua própria definição, um *account* é uma descrição que relata problemas para se realizar o que se esperava e, portanto, é entendido ou creditado por seu ouvinte como uma explicação para uma divergência de suposições sobre o que vai ou deveria acontecer.<sup>2</sup> (Tradução de minha responsabilidade)

Para Scott e Lyman (1968, p.46 *apud* De Fina, 2009, p.239), os *accounts* também podem ser definidos como declarações feitas por atores sociais para

---

2. [...] accounts are part of dispreferred actions, they are offered after some delay, and they include reports that detail activities and circumstances of an action. In their own definition an account is 'a description that reports trouble accomplishing what is expected ordinarily, and therefore, is understood or credited by its recipient as an explanation for a divergence from assumptions about ordinarily what will or should happen.

explicar ou aliviar-se de culpa por atos indesejáveis e/ou imprevistos. De acordo com Del Corona e Ostermann (2013, p. 179), os *accounts* são produzidos com o intuito de restabelecer o equilíbrio social abalado por alguma situação problemática e sua aceitabilidade se dá de forma local, i.e., vinculada tanto ao cenário social, quanto ao evento particular em si.

Ainda de acordo com as autoras, os *accounts* servem como forma de minimizar um possível constrangimento com alguma parte da interação em curso, dando ao ator social uma possibilidade de se consertar e proteger, assim, sua face. Como ao longo da análise percebi que ao nos depararmos com situações de desconforto, tanto Lucas quanto eu, utilizamo-nos muito desse recurso a fim de nos reafirmarmos e proteger nossa face durante a entrevista, acredito ser importante a utilização de tal categoria analítica. Para um melhor entendimento dessa questão, trago abaixo Del Corona e Ostermann, mais uma vez, a fim de aprofundar o conceito:

[...] em interações sociais os participantes tendem a exibir comportamentos (Garfinkel, 1967) que revelam a sua interpretação do evento em si, assim, como a avaliação de suas próprias ações e das ações de outros participantes. [...] Assim, qualquer comportamento em desacordo com a moralidade vigente, pode resultar em situações constrangedoras. Uma situação constrangedora pode causar no participante sensações de embaraço e insegurança, justificadas pelo possível abalo à sua reputação, podendo, assim, resultar em rupturas, tanto em seu comportamento como na organização da situação como um todo. Na iminência de alguma ruptura, o participante precisará investir em manter a coerência entre suas ações e a face que busca construir para si. (Del Corona e Ostermann, 2013, p. 180).

No entanto, é importante ressaltar que os *accounts* não são utilizados somente em situações problemáticas e de desconforto. Para De Fina (2009, p.240), um elemento que une todos os tipos de *accounts* é seu componente explicativo, visto que eles são constituídos por explicações onde há o questionamento do “por quê?” ou de um “como?” na avaliação do interlocutor. Essa produção de motivos ocorre a fim de conciliar tanto as ações dos participantes quanto as expectativas ali envolvidas, ambas amparadas na cultura, no uso e nas normas vigentes que regem a vida em sociedade (Del Corona e Ostermann, 2013).

Tendo em vista que nesta pesquisa busquei entender como o desconforto em uma situação de entrevista se deu entre Lucas e eu em situação de entrevista,

ao olhar para o contexto micro, a noção de *accounts* se torna uma valiosa categoria de análise. Ela nos auxilia no entendimento da interação como um todo e das estratégias usadas como forma de construção e manutenção da face.

Por fim, partindo da ideia de que a SI está ancorada na análise de dados referentes à relação entre língua e sociedade, julgo necessário apontar que para este trabalho a fala é entendida como um encontro social no qual se delimita quem, para quem e como a língua é utilizada, além de representar uma espécie de sistema de ações face a face que são mutualmente ratificadas, bem como ritualmente governadas. Assim sendo, na próxima seção teço considerações acerca da entrevista semiestruturada utilizada como abordagem para geração dos dados. Na mesma perspectiva de Mishler (1986), entendo a entrevista como um encontro social, regido por regras interacionais.

### 2.3 A entrevista como encontro social

Além do conceito de fala trazido acima, outra ideia se mostra importante para este trabalho: o de evento de fala. Elliot Mishler, em seu trabalho *Research Interviewing – Context and Narrative*, de 1986, nos diz que se alinha com a concepção de evento de fala definido por Hymes (1967, p. 19 *apud* Mishler, 1986, p.35) como “atividades, ou aspecto de atividades, que são diretamente governadas por regras de uso do discurso”.<sup>3</sup> (Tradução de minha responsabilidade).

Gumperz (1982, p. 166 *apud* Mishler, 1986, p.35) traz outro termo, atividade de fala, mas que ainda assim dialoga com Hymes e Mishler, uma vez que nos diz que “[a atividade discursiva] é um conjunto de relações sociais estabelecidas sobre um conjunto de esquemas em relação a algum propósito comunicativo”<sup>4</sup> (Tradução de minha responsabilidade). Dessa forma, diferentes atividades de fala como conversas cotidianas, contar histórias, palestras e até mesmo as entrevistas implicam a ideia de expectativa sobre a progressão do assunto tratado na interação, trocas de turno, bem como conclusões e limitações devido ao contexto apresentado.

3. “activities, or aspects of activities, that are directly governed by rules for the use of speech”

4. “[speech activity is] 'a set of social relationships enacted about a set of schemata in relation to some communicative goal'.”

Em consonância com as ideias apresentadas por Hymes e Gumperz, Mishler nos traz em seu trabalho o porquê de conceber as entrevistas como eventos de fala e atividades de fala, além de sugerir que uma série de elementos fora antes negligenciada pelas teorias tradicionais:

Definir entrevistas como eventos de fala ou atividades de fala, como eu faço, marca o contraste fundamental entre o padrão antilingüístico, modelo de estímulo-resposta e uma abordagem alternativa para a entrevista como discurso entre falantes. [...] esta definição chama nossa atenção para características de entrevistas que até agora foram negligenciadas (Mishler, 1986, p. 35) <sup>5</sup>

As teorias tradicionais, por sua vez, tratavam da entrevista de pesquisa como um exemplo behaviorista de estímulo-resposta no qual os pesquisadores lidariam com as perguntas e respostas como um conjunto de procedimentos técnicos a serem seguidos. Ainda que não fosse minha intenção encaminhar a pesquisa dessa forma, consultei diversas fontes, desde textos acadêmicos até pesquisas mais simplificadas pela internet, sobre como conduzir a entrevista que realizaria, e em muitas delas as teorias tradicionais se apresentavam..

No entanto, ao me deparar com os dados gerados, percebi que a interação em questão se tratava mais do que somente uma entrevista com base na relação estímulo-resposta, me incentivando a procurar novas conceitos para tal abordagem de pesquisa, alinhando, assim, minha análise à concepção de entrevista como evento social proposta por Mishler.

Mishler (1986) questiona a abordagem tradicional, baseada em estímulos-respostas, e propõe novas teorizações. Uma delas diz respeito ao lugar que a entrevista deve ocupar – mais que um evento puramente linguístico, ela deve ser vista como um evento comportamental. Enquanto que na visão tradicional a entrevista é encarada como uma troca verbal, para Mishler ela é entendida como discurso, expandindo, assim, suas delimitações, ao torná-la mais complexa.

Isso nos leva a mais uma ideia defendida pelo autor: a de que as teorias tradicionais não consideram as dimensões culturais compartilhadas pelos participantes da entrevista como tipos particulares de discurso. Em outras palavras,

---

5. “Defining interviews as speech events or speech activities, as I do, marks the fundamental contrast betw interviewing as discourse between speakers. [...] this definition alerts us to features of interviews een the standard antilinguistic, stimulus-response model and an alternative approach to that hitherto have been neglected.”

a descontextualização das perguntas e respostas levaria a uma variedade de problemas na análise dos dados, além de limitar as possíveis análises de pesquisas que se utilizam de tal abordagem para geração de dados.

Nesse sentido, um dos objetivos de Mishler em seu trabalho é mostrar a fragilidade das abordagens tradicionais que se utilizam das entrevistas em pesquisas no campo das ciências sociais. O autor o faz ao propor uma visão de entrevista como um discurso entre entrevistador e entrevistado, considerando todas as nuances presentes em uma análise discursiva.

Retomando a ideia trazida no início desta seção, onde a entrevista é entendida como evento discursivo, ao realizar uma análise, o pesquisador deve estar atento às diversas manifestações linguísticas e paralinguísticas a fim de dar conta da complexidade do evento em si. Assim, questões como gestos, expressões faciais, mudanças no tom de voz, estresse, ainda que difíceis de serem transcritas, devem ser levadas em consideração para um melhor entendimento da situação como um todo (Mishler, 1986, p. 47-50).

Ainda de acordo com Mishler, uma das principais características da entrevista baseia-se no fato de que esta é um evento discursivo e coletivamente construído. Em consonância com a ideia defendida por Goffman de que a fala é socialmente organizada e, que um sistema de ações face a face pode ser entendido como um encontro social, entendo, portanto, entrevista como uma situação de encontro social, onde além da troca de informações, há um encontro entre culturas e histórias diferentes dos participantes que se entrecruzam.

Outra premissa para essa ideia é a de que a análise e interpretação das entrevistas realizadas para fins acadêmicos têm como base teorias do discurso e do significado, como aqui nesta pesquisa optei por trazer os estudos da SI. O foco do autor, então, recai na importância da escolha de um modelo teórico que especifique a organização da fala, o padrão do discurso e as regras linguísticas e sociais utilizadas pelos participantes.

Partindo dessa concepção, trago a seguir alguns pressupostos que norteiam os estudos que se valem da metodologia proposta pela Análise da Conversa Etnometodológica, posto que ela orienta a análise realizada e se alinha com a ideia de que a análise da fala em interação auxilia também na compreensão de aspectos

sociológicos.

## 2.4 A Análise da Conversa Etnometodológica

A Análise da Conversa Etnometodológica, doravante ACE, se originou em estudos etnometodológicos, que são uma vertente da sociologia, e teve início por volta dos anos 60 com estudos desenvolvidos por Harold Garfinkel em sua obra *Studies in Ethnomethodology* (1967). Esta publicação contesta os então tradicionais métodos utilizados pela sociologia para investigar a organização da sociedade e provoca uma mudança nos paradigmas de pesquisa, de normativo para interpretativo (Silva, Andrade, Ostermann, 2009, p. 2).

A mudança para o paradigma interpretativista acarretou em um novo olhar para análise dos participantes de uma interação, uma vez que é a partir do olhar deles que passaremos a entender o que está acontecendo. O foco dos etnometodólogos reside, desse modo, na interpretação da interação e no modo como os participantes dessa interação tratam as suas ações e a dos demais. De acordo com Ostermann (2012, p.34), para a etnometodologia, a organização das ações práticas do dia a dia é uma prática lógica, uma organização que é constituída pelos próprios participantes de uma interação, localmente, no 'aqui e agora' interacional.

Um ponto importante para compreender a ACE está na diferença entre esta e os estudos sociológicos. Enquanto a sociologia trabalha com conceitos apriorísticos em relação a classes sociais, grupos étnicos, gêneros, questões de poder, dentre outros; os etnometodólogos investigam, como nos eventos de fala-em-interação, as pessoas se organizam de forma a construir tais identidades e relações de modo que seus papéis sejam relevantes socialmente em contextos específicos (Silva, Andrade, Ostermann, 2009, p. 2-3). Ainda segundo as autoras, “a AC [Análise da Conversa] pode ser entendida, então, como o aparato metodológico por meio da qual essa investigação é passível de ser realizada”.

Coulon (1995, p. 72) também nos diz que a ACE pode ser entendida como um dos campos mais desenvolvidos da etnometodologia, podendo até mesmo ser considerado um campo autônomo, visto que se afasta de questões habituais da sociologia. No entanto, o autor reconhece que “as atividades sociais, enquanto

interações, constituem os fatos sociais, que não existem independentemente das práticas que os constituem” (Coulon, 1995, p. 123).

Dentre os estudiosos da área da sociologia, Harvey Sacks foi o primeiro a olhar para a complexidade da conversa cotidiana e suas possíveis contribuições para os estudos sociais. Mesmo que tenha falecido prematuramente em 1975, suas aulas foram transformadas em livro, *Lectures in Conversation* (1992), por dois alunos, Gail Jefferson e Emanuel Schegloff cuja obra se tornou a base para os estudos da abordagem analítica proposta pela ACE.

Para Ostermann (2012, p.34), a natureza etnometodológica dessa abordagem reside na noção de que as ações sociais são ações práticas e que estão disponíveis para serem realizadas como ações práticas contínuas. Em outras palavras, a base da sociedade é a fala-em-interação cotidiana ou institucional e seus mecanismos organizadores. Nesse sentido, qualquer interação verbal apresenta uma certa ordem e esta pode ser estudada já que não são aleatórias, nem desorganizadas. Segundo Heritage e Atkinson (1984, p.01 *apud* Silva, Andrade, Ostermann, 2009, p.4):

O objetivo central de pesquisas em Análise da Conversa é a descrição e a explicação das competências que os falantes comuns usam e de que se valem para participar de interações inteligíveis e socialmente organizadas. Em sua forma mais básica, esse objetivo é descrever os procedimentos por meio dos quais os participantes produzem seus próprios comportamentos e entendimentos e por meio dos quais lidam com o comportamento dos outros. Uma concepção básica é a proposta de Garfinkel (1967:1) de que essas atividades - produzir comportamento e entendimento e lidar com isso – são realizadas como produtos de um conjunto de procedimentos passíveis de serem explicados.

Para que as interações sejam devidamente analisadas pelo viés da ACE, um pressuposto importante é a geração de dados naturalísticos. Entende-se aqui naturalístico como os dados não experimentais ou gerados a partir de um roteiro pré-determinado, em conto experimental. Ainda que a entrevista semiestruturada por mim encaminhada não se enquadre em um primeiro momento dentro desse padrão, entendo que ao não ter um roteiro a ser seguido e ao deixar a conversa fluir sem maiores interferências quanto ao desenrolar do assunto, posso analisar tais dados por meio da ACE.

Sobre a análise dos dados gerados, estes devem ser gravados e transcritos com todas as suas nuances e detalhes a fim de que a análise se aproxime ao

máximo do que ocorreu de fato naquela interação. Para Silva, Andrade e Ostermann (2009, p.5):

A transcrição dos dados não é um mero procedimento que transforma texto oral em documento escrito, visto que ela obedece a uma série de convenções que sinalizam os diferentes aspectos que permearam uma determinada conversa (ou trecho de conversa) naquela hora e naquele local. Alguns dos aspectos que frequentemente são marcados nessas transcrições são: pausa (em centésimos de segundos), sobreposição de falas, entonação ascendente ou descendente, falas coladas (quando um participante começa a falar imediatamente após outro ter cessado sua fala), palavras proferidas de forma incompleta, aspiração ou expiração de ar durante a fala, entre outras que se mostrarem relevantes.

Dessa forma, escolhi analisar os dados gerados à luz da ACE por entender que ao chegar ao nível micro de análise, conseguirei compreender melhor como uma entrevista de pesquisa entre dois colegas se deu. No entanto, não cheguei ao nível de detalhamento requerido por muitos estudos em ACE por entender que alguns desses níveis não seriam analisáveis para este trabalho, como a contagem das micropausas em centésimos de segundos, por exemplo. Além disso, utilizei somente algumas categorias analíticas propostas pela ACE, não todas, adotando-a como uma abordagem importante para a análise proposta, ainda que não se oriente totalmente por ela.

No próximo capítulo apresento o encaminhamento metodológico utilizado para a análise da entrevista realizada com Lucas.